

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**O IMAGÉTICO E O LINGUÍSTICO FUNCIONANDO COMO DISPOSITIVOS QUE
ACIONAM UMA MEMÓRIA SOCIAL**

Vanessa Diâner Lopes Paula
dianiferpaula@yahoo.com.br

Mestranda

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Introdução

O trabalho que propomos para a apresentação no evento, constitui-se de pesquisas ainda em andamento, as quais irão ao encontro de nosso projeto de mestrado intitulado *Imagem e discursividade na constituição do sujeito: possíveis relações* (2009), acerca de imagens e escritos que vêm funcionar como dispositivos que acionam uma memória social. Tratar do imagético e do linguístico, enquanto dispositivos que acionam uma memória social, voltando-nos para o seu funcionamento, é nosso objetivo no presente momento. Para tanto selecionamos três imagens, constitutivas do discurso político, tal como vem sendo praticado no Brasil. As imagens nos remetem ao espaço virtual, da Internet, bem como à mídia impressa, foram extraídas da Revista Veja-on-line-seção Brasil-Edição 1917, do dia 10 de Agosto de 2005. Trata-se especificamente de duas imagens dos governos de Fernando Collor de Melo e do atual presidente, Luiz Inácio Lula da Silva; já a terceira imagem provém de um blog na Internet (<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer.getBlog&uf=1&local=1&template=3948.dwt§ion=Blogs&post=156709&blog=218&coldir=1&topo=3951.dwt>), a qual traz referência ao governo do Rio Grande do Sul, gestão de Yeda Crusius. Dentre os pontos em comum nas três imagens e entre as possíveis regularidades ali identificáveis, o que mais nos chamou a atenção foi a letra “l” duplicada, nas cores verde e amarelo, nos nomes dos governantes. Nelas, e através delas pretendemos verificar o funcionamento do imagético e do linguístico, enquanto dispositivos que acionam uma memória social.

Nossa análise, embora inicial, baseia-se na postulação feita por Jean Davallon (2007, Uma Arte de Memória, In. **Papel da Memória** p.30) de que a imagem agiria como um dispositivo que aciona uma memória social, considerando como imagem a letra “I” que aparece de forma duplicada nas três fotografias.

O enunciado discursivo da duplicação da letra “I” nas cores verde e amarelo

Partindo de Davallon(2007) que nos apresenta a imagem como operador de uma memória social, no caso, desenvolvemos nossa reflexão em torno da imagem dada dos dois “LL”, nas cores verde e amarelo. Dessa maneira, e de acordo com Davallon, é que tal imagem funciona como um dispositivo de memória social, utilizada muito bem e, preferencialmente, pela mídia, tornando-se uma espécie de “*estratégia de comunicação*”, capaz de regular um tempo dentro de sua materialidade, que aparentemente parece ser *opaca e muda* (1996). Jean Davallon, nos faz pensar que:

*a imagem é antes de tudo um dispositivo que pertence a uma estratégia de comunicação: dispositivo que têm a capacidade, por exemplo, de regular o tempo e as modalidades de recepção de imagem em seu conjunto ou a emergência da significação (Uma Arte de Memória, In. **Papel da Memória** ,1999, p. 30).*

Percebemos que as redes de formulações suscitadas pelo imagético e o linguístico estão inscritas em uma memória social, de longa duração, nelas identificamos, segundo Freda Indursky (**Lula lá: estrutura e acontecimento**, 2003), enunciados que vêm de um discurso-outro, e que estes circulam em outros lugares, no que está fora do próprio dizer. Encontramos, dessa forma, relações que se encontram inscritas no já-dito, no interdiscurso.

É a memória que garante a atribuição de sentidos que, até então, tenta-se aludir. O que acontece numa sociedade, num país, numa família, ou com o sujeito, de forma individual, pode ser (re) lembrado através da memória, retomado, revivido. A memória social, parafraseando Davallon (2007), parece encontrar-se numa relação inteira e naturalmente presente nos arquivos das mídias, o que não se pode negar, uma vez que, para a seleção do *corpus*, e escolha das fotografias, optamos pelos materiais impressos da mídia.

Já que as condições de produção apresentadas são diferentes, é mister ressaltar que quando um acontecimento ou um evento é lembrado pela sociedade, não basta ele só ser lembrado, mas sim, que venha a apresentar a mesma vivacidade que outrora já teve, que ele seja reconstruído a partir das noções da época em que aconteceu, mas sempre trazendo consigo um sentido novo e diferente. M. Halbwachs (**La mémoire collective**, 1950, p.70) caracteriza a memória como “*o que ainda é vivo na consciência do grupo para o indivíduo e para a comunidade*”. Assim, a memória coletiva e social é acionada quando o referente está lá, em algum lugar, podendo sempre retornar e produzir sentidos no interior daquele grupo social.

O fato de a imagem ser instituída pela letra em questão, faz com que esta seja (re)tomada e (re)faça o trajeto contrário, em busca do acontecimento que parece ter sido esquecido, mas que volta com toda, ou talvez, maior força, assim como coloca Halbwachs (1950), quando opõe a memória coletiva à história, e, dessa forma, afirma que “a história resiste ao tempo; o que não pode a memória”. Davallon assim o parafraseia:

“Assim, o acontecimento, como acontecimento ‘memorizado’ poderá entrar na história (a memória do grupo poderá perdurar e se estender além dos limites físicos do grupo social que viveu o acontecimento); mas enquanto ‘histórico’, ele poderá se tornar, em compensação, elemento vivo de uma memória coletiva”. (Uma Arte de Memória, In. **Papel da Memória**, 1999, p. 26)

Hoje não temos o distanciamento necessário para que se possa dizer se isso é memória ou fará parte da história, mas, certamente, a presença destes dois LL retorna, de tempos em tempos, via imagem, acionando o dispositivo da memória social, podendo ainda ser parte da história deste grupo social.

Os enunciados discursivos, em verde e amarelo: “Nelle”; “Lulla” e “Ella” inscrevem-se em uma extensa rede de formulações, na memória discursiva, no interdiscurso.

Na primeira figura é que se encontra a peça principal para tentarmos resgatar as outras inscrições. A frase inscrita num outdoor, afixado no muro paralelo à calçada: “Nelle sim”, sendo a duas letras “l” uma na cor verde e a outra na amarela. Tal outdoor estava frente ao público, pois várias pessoas por aquela calçada, ou até mesmo na rua transitavam, e não tinham como fugir ou não ver e ler aquele grandioso “mural”. A imagem dos dois “l” eram destaques, e trazia consigo efeitos de sentidos ao mesmo tempo em que outros eram produzidos, no ano de 1989. O momento histórico era conflitante, pois seria o início da Nova República no Brasil, deixando para trás um passado de ditadura. O pronome “Nelle” referia-se ao candidato à presidência do Brasil, Fernando Collor de Melo, na época era um voto certo, o povo seria “liberto” de uma ditadura.

Se continuarmos acompanhando a História do Brasil, veremos que estas mesmas cores, verde e amarelo, em 1992, viriam a representar a Ética e a Cidadania, na política. Pois ocorreu o inesperado, o antes candidato, Collor, passou a presidente da República Federativa do Brasil, e em pouco tempo, estava sendo caçado por denúncias de corrupção, o intitulado “Caçador de Marajás”, corria perigo, pois por ironia ele seria o caçador de si mesmo. Por conta disso, o governo do presidente enfrentou problemas, conforme podemos verificar em:

“Nos meses seguintes começaram as manifestações populares pelo impeachment do presidente. Os jovens, chamados de ‘caras-pintadas’, protestavam em todas as partes. Em 29 de setembro, a Câmara aprovou, por 441 votos a favor, 38 contra, uma abstenção e 23 ausências, o afastamento de Fernando Collor, que se instalou na Casa da Dinda”.(site: <http://www.klick.com.br/2006/conteudo/pagina/0,6313,POR-1240-9195-,00.html>.)

Os jovens cara-pintadas eram manifestantes que ficaram com esse nome pelo fato de manifestarem as faces de seus rostos pintados em cores verde e amarelo, ou seja, protestavam em favor da Nação, pela sua ética e cidadania, lutavam pelo *impeachment* (A revogação do direito à presidência, governo) do presidente.

A segunda fotografia apresenta uma faixa preta escritas com letras brancas, e a letra “I” duplicada, também nas cores verde e amarelo, todas elas em maiúscula. Nesta estava escrito: “LULLA NÃO SABIA – PRISÃO DOS CORRUPOTOS E CORRUPTORES”, sendo a letra “I” nas cores verde e amarela. Esta faixa era carregada por protestantes sindicalistas, que saíram em passeata pelas ruas de São José dos Campos, no Estado de São Paulo. O momento histórico não era o mesmo, nele encontrava-se um período em que o presidente do Brasil estava sendo acusado de corrupções, do evento “mensalão”, do qual ele dizia que não tinha conhecimento. O enunciado discursivo dos dois “I”, porém, trazem a baila a rede de formulações inscritas na memória, a qual reúne enunciados do momento histórico dos protestos, das denúncias de corrupção e do impeachment do presidente Collor, em 1992, produzindo um *efeito de memória* (COURTINE, . **Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyses du discourse** 1981).

A última imagem, e digamos de passagem que é a mais recente, é a que se refere ao governo atual da governadora do Estado do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius. A frase da fotografia postada num blog na Internet é a seguinte: “Ella não pode continuar”, sendo também as letras “I”, nas cores verde e amarela. As condições de produção são similares aos eventos anteriores, denúncias e mais denúncias de corrupção sobre seu governo. Aqui temos o pronome que retoma um nome, um nome de mulher (que não tem L em seu interior), da primeira governadora do Estado, o que nos leva a crer que este enunciado merece uma análise mais aprofundada, e nos propomos a realizar em nossa dissertação de mestrado.

Considerações finais

Para finalizar podemos dizer que a memória é “necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... (...). A memória não pode ser um frasco sem exterior”. (Pêcheux, **Papel da memória**, 1999, p.56). A língua mais uma vez transforma-se com a possibilidade de ocupar um novo estatuto, o de não ser somente língua (no sentido de letra e de possibilidade comunicacional), mas de ter imbricada nela mesma uma imagem marcada pela história e revelada por uma memória.

Reafirmando o que Davallon nos propõe, com seu texto no livro intitulado *Papel da Memória*, podemos dizer que os lugares enunciativos que visitamos através das três imagens selecionadas, permitiram que ocorresse o deslizamento de sentidos, a referência à ordem do repetível, do já dito, daquilo que já aconteceu e que se encontra guardado na memória. Assim, em estudos que continuam,

o imagético e o lingüístico podem suscitar memórias, discursos outros, que se inscrevem no interdiscurso, atravessam o tempo e criam efeitos de sentido no e pelo dizer.